

PIMPAMPUM



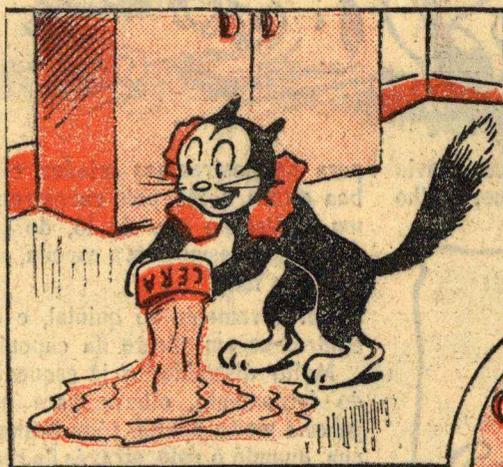
Suplemento infantil do jornal:

O SECULO

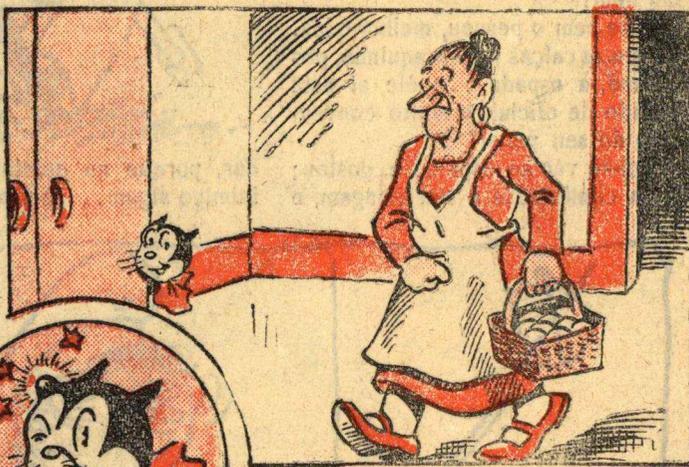
• DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA RITA •

PARA OS MAIS PEQUENINOS

O Castigo do SARAMECO



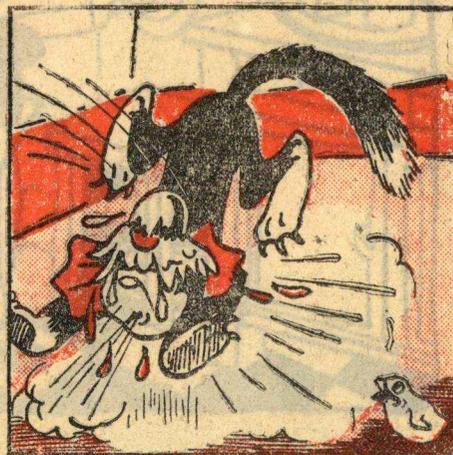
O Sarameco: — «Que engraçada partida vou pregar à Rosa. Despejo aqui esta lata de cêra...»



— «...Entrementes...»



A criada Rosa: — «Ai! Ai! Ai! Lá se partem todos os ovos!!!»



O Sarameco: FFFF...! A partida afinal, foi para mim. FFFFF!!! Mal-dito ovo!!!

— «Sim, gatinho, que o castigo

anda sempre ao nosso lado, diz um antigo ditado. Por isso, gato, cuidado, ouve um conselho de «amigo.»

JULINHO QUIZ SER HEROI

por MARIA

POUCO tempo antes do Carnaval, o pai do Julinho, comprou-lhe uma farda muito bonita, de oficial, tôda cheia de dourados e gajões!

O Julinho ficou radiante!

Mas ainda... faltavam muitos dias para o Carnaval, e ele queria vê depressa como lhe ficava a farda.

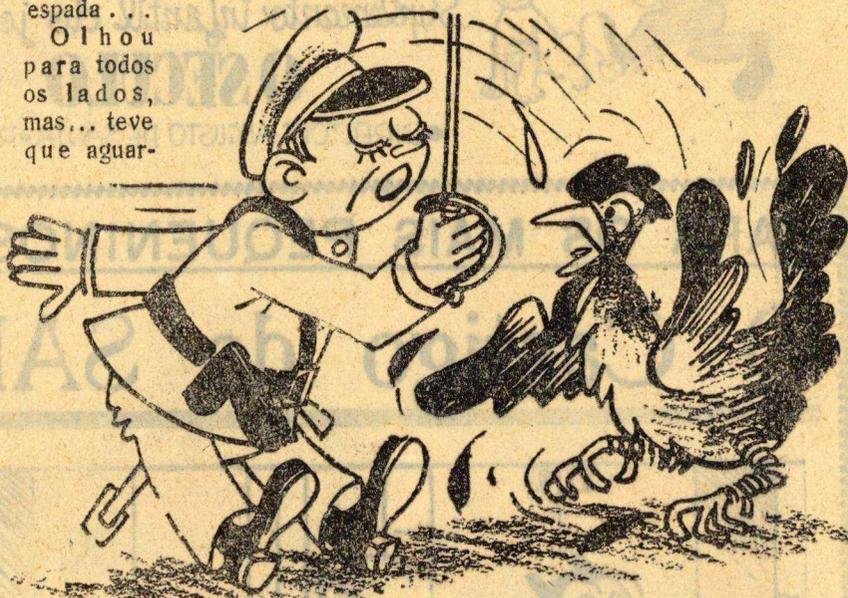
No dia seguinte, a mãezinha do Julinho, estava na sala com umas amigas que a tinham ido visitar. E o Julinho, vendo que sua mãe estava entredida, aproveitou a ocasião para realizar o seu sonho: vestir aquêlo fato tão bonito e que lhe devia ficar tão bem!

E se bem o pensou, melhor o fêz. Vestiu as calças e o casaquinho, pôs o boné, a espada... e ele aí está vestido de oficial, e muito convencido do seu papel!

Foi-se vê ao espelho e gostou; fêz a continência á sua imagem, e

Puxou da espada...

Olhôu para todos os lados, mas... teve que aguar-



dar, porque no quintal não havia inimigo algum... nem sequer o filho

para se mostrar aos criados, e em boa altura o fêz, pois encontrou lá um lindíssimo pão de ló, do qual o Julinho, mesmo com a espada, cortou uma fatia.

Foi novamente ao quintal, e encontrou-se em frente da capoeira.

Muito distraído, e já esquecido do fardamento, olhava para uma galinha muito bonita, tôda branquinha, quando o galo, através da rêde, lhe deu uma bicada na fatia de pão de ló!

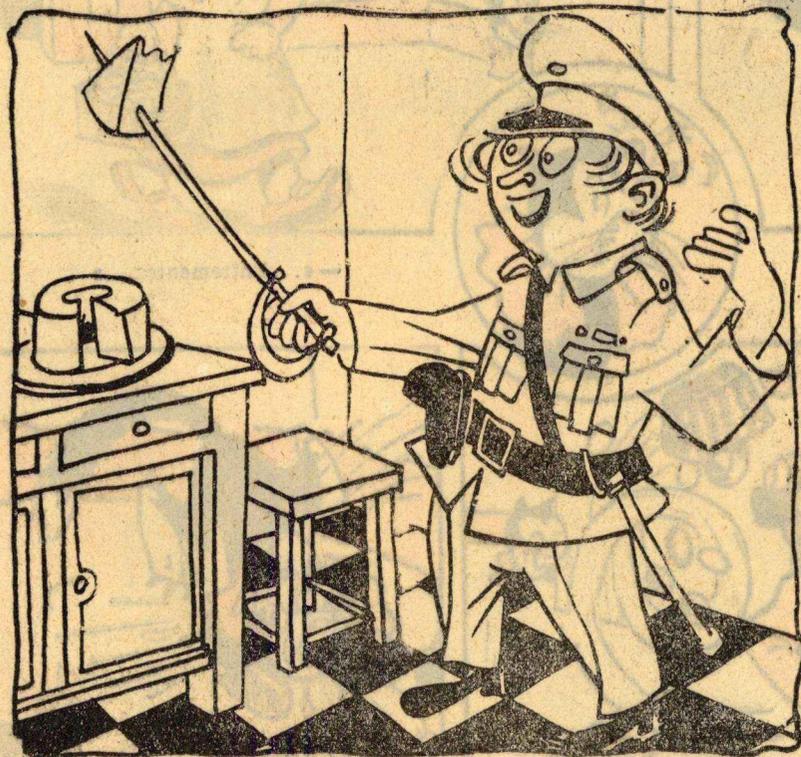
Que ofensa! — «Atrevido!» gritou o Julinho. — Espera que eu já te ensino!»

Pegou na espada, entrou na capoeira, e... não lhes digo nada! Eram penas pelo ar, asas quebradas, o galo gritava, as galinhas faziam um barulho de endoidecer, e o Julinho não parava! Záz! Záz! Záz!

O barulho foi tanto que veio a mãezinha vê o que teria acontecido na capoeira. Ao vê o Julinho a esgrimir com o galo, foi direita a êle e... eis um oficial vencido!

Foi metido no quarto escuro, onde ficou até ao jantar.

Chorou muito mas a mãezinha não o foi lá buscar, para êle, de futuro, ter mais juízo e não armar em valente!



marchou para o quintal a-fim de combater o primeiro inimigo que lhe aparecesse!

da cozinheira, com quem êle costumava brincar!

Muito aborrecido, foi á cozinha

O TERRIVEL NILO

Por FRANCISCO AUGUSTO DA FONSECA DIAS

ERA uma vez um cão,
Que ladrava:—Ao, ao,
Com bôca enorme,
Mesmo desconforme.

Galinhas pedrezes
E um galo liró,
Cantando por vezes,
Có, có, qui, ró, có...

Um carneiro tinha
A fazer banzé,
Mais uma ovelhinha:
—Mé, mé, mé, mé, mé...

Mas no outro dia
Galinhas e Galo
A seguir comia!
Para ter mais pratos.
Vai e come os patos!

A cabeça russa
E grande dentuço
Pra fazer destroço
No nosso corpinho...

Patos também tinha:
—Cuá, cuá, cuá, cuá...
E muita Galinha
Vindas do Pará!

Mas um dia, o cão
Que ladrava:—Ao, ao...
Todo se consome,
Começa a ter fome...

A fome apertou,
Não desapareceu...

Para êle um ôsso
Era como arminho!
Na quinta um ladrão
Não entrava, não!

E um porquinho tinha:
—Hôn, hôn... a roncar,
Dava-lhe carninha
Para o engordar...

E com aparato
Mata e come o galo!
Foi mesmo um regalo...

O porco roncou,
E o porco comeu!
Depois, o matreiro
Inda fome tinha...
Comeu um carneiro
Mais uma ovelhinha!

Com sua voz cava
Como um trovão,
De noite ladrava:
—Ao, ao, ao, ao, ao...

E tudo tremia
Ao ouvi-lo:—Ao, ao...
E o dono dormia
Sem temer ladrão!

Também tinha um gato
O dono do cão,
Chamado Mulato
Da côr do carvão...

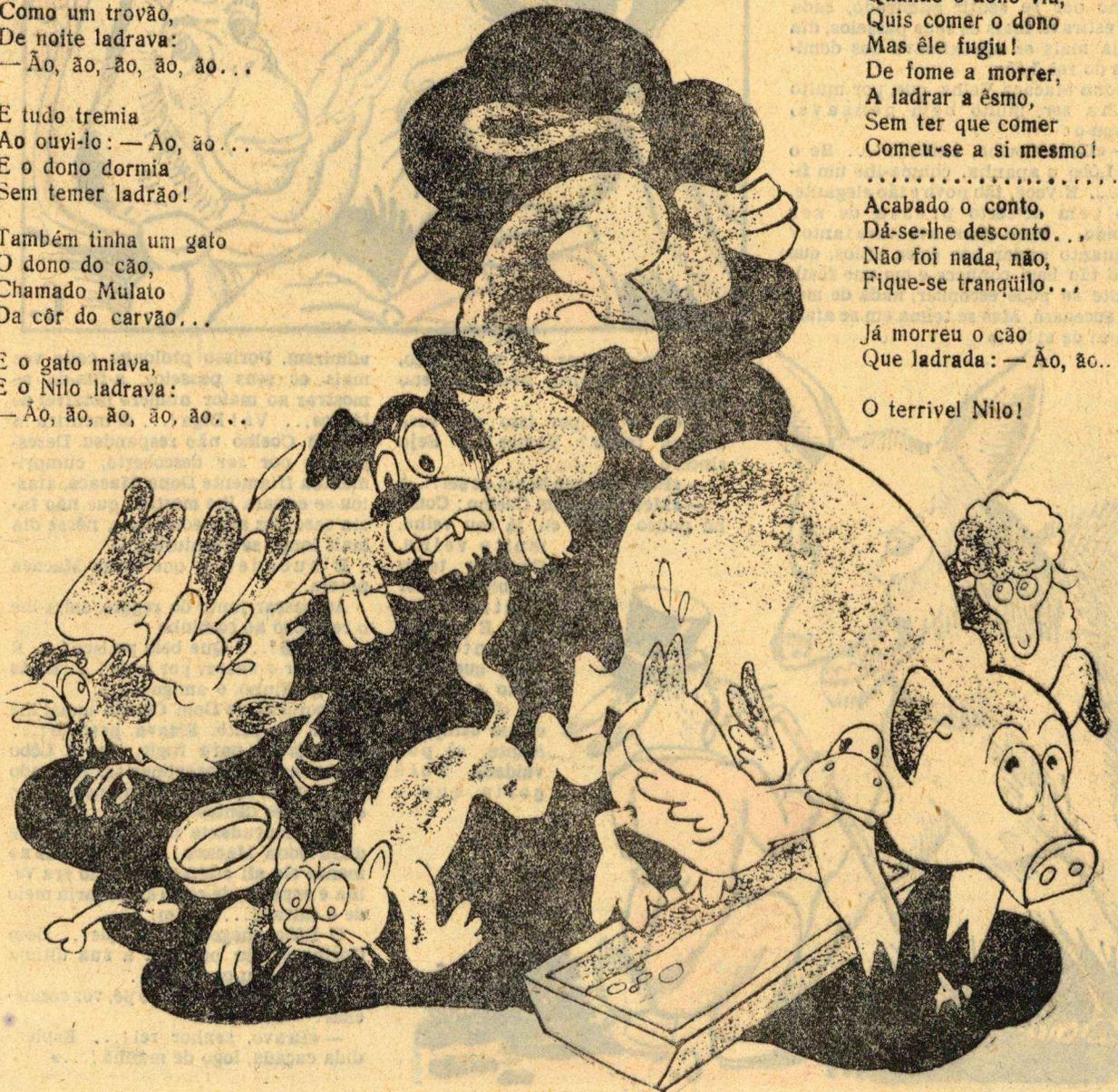
E o gato miava,
E o Nilo ladrava:
—Ao, ao, ao, ao, ao...

Depois dum bom sôno
Quando o dono viu,
Quis comer o dono
Mas êle fugiu!
De fome a morrer,
A ladrar a êsmo,
Sem ter que comer
Comeu-se a si mesmo!

Acabado o conto,
Dá-se-lhe desconto...
Não foi nada, não,
Fique-se tranqüilo...

Já morreu o cão
Que ladrada:—Ao, ao..

O terrivel Nilo!



Disfarces inúteis

Por LAURA CHAVES

Uma vez, um percevejo,
farto de ser perseguido,
e ainda mais, incompreendido,
sentiu o grande desejo
de mudar de condição.
Vai êle tratou, então,

dum bom disfarce arranjar.
Pintou a sua casquinha
tal como a duma Joaninha
certo de assim agradar.
E, já sem nenhum receio,
começou o seu passeio.

Por tôda a parte onde andava
lhe diziam:—...Vôa... vôa...
que o teu pai foi a Lisboa.—
E êle tanto se ufanava
de ter tido aquela ideia
que era mesmo de mão cheia.

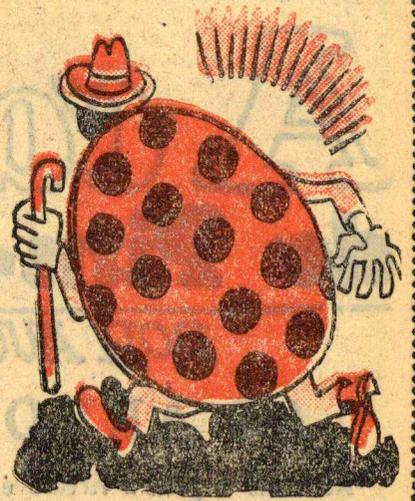
Passeava na cozinha
e na casa de jantar
sem ninguém o incomodar,

até lhe achavam gracinha.
Já nem cabia na pele...
Se a casa era tôda dêle!

Depois, perdeu a noção
do que devia fazer
e, um dia, pôs-se a correr,
imaginem, sôbre o pão!
Logo ouviu, em gritaria,
alguém dizer:— «Porcaria!»

E, com imensa cautela,
dois dedos o agarraram
e depois o arremessaram
para fóra da janela...
E os pobres dedos, coitados,
ficaram logo empéstados,

com um cheiro de tombar.
É que o parvo bicharoco
esqueceu-se, mas que louco,
do aroma particular,
dessa tão rara fragrância
que o marca mesmo a distância.



Há por aí certa gentinha
bem tafula no trajar,
que, se alguém a agarrar,
como à tal linda Joaninha,
creiam que não é gracejo,
também cheira a percevejo.

F I M

O Lobo voltou-se rapidamente e
Dom Coelho abriu os olhos espantados.
De cima duma árvore, debruçava-se
Dona Macaca Velha, risonha e muito
à vontade.

— «Que queres tu?» — rugiu o Lobo.
— «Admirar a vossa inteligência,
únicamente...»

— «A minha inteligência? Não per-
cebo...»

— «Está claro. Só um bicho inteli-
gente como vossa magestade, seria ca-
paz de descobrir, entre tanto coelho
que há no mundo, aquele que tem pro-
priedades mágicas!...»

— «Cada vez percebo
menos!...» — regou-
gou o Lobo.

— «Isso é modéstia...
Bem sabeis, senhor
rei, que êste coelho
é afilhado da Fada

dos Bosques... Não é assim?
O rei não quiz mostrar a sua igno-
rância e resmungou:

— «Sim, sim...»

A Macaca, espertalhona, continuou:
— «E a Fada disse-lhe assim quando
êle nasceu: Eu te fado para que o bi-
cho que te comer, venha a ficar com o
condão de tudo poder... Porisso, se-
nhor rei, eu vos felicito, por terdes
conseguido apanhar êste bicho má-
gico...»

Dom Coelho, de tão indignado, nem
podia abrir a bôca, para protestar.

Parecia impossível! Dona Macaca
Velha, que tão sua amiga se mostrara
sempre, em vez de tentar salvá-lo, mais
o enterrava!...

E o rei Lobo já abria a enorme bo-
carra, prestes a enguli-lo...

— «Esperai, esperai!» — gritou Dona
Macaca...

O Lobo tornou a fechar a bôca, muito
contrariado:

— «Que mais temos?»

— «Já cumpristes o ritual?»

— «Que ritual?»

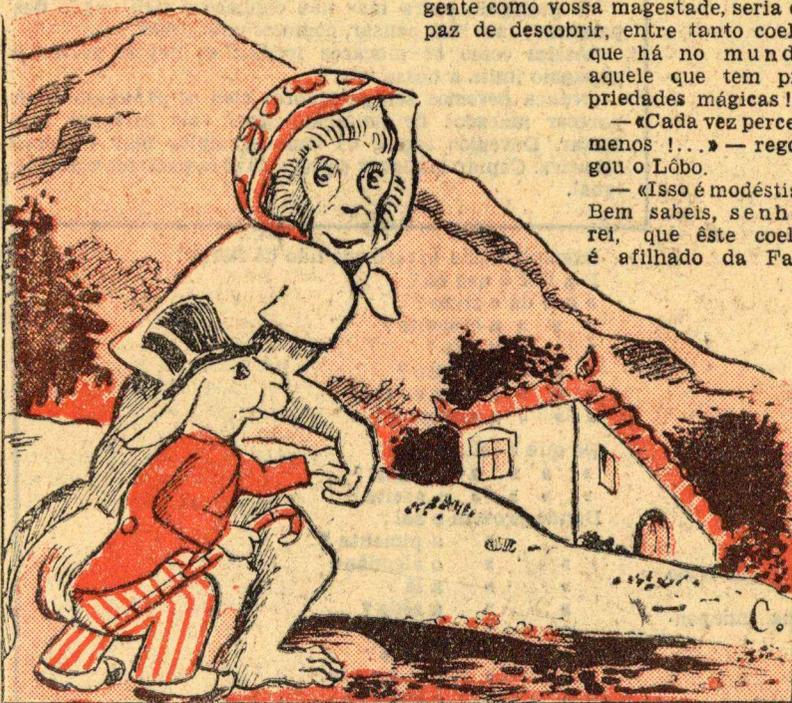
— «Ora!... De-certo não precisais
que eu vo-lo ensine!... Um rei tão sá-
bio, tão inteligente...»

O Lobo ficou perplexo. Mas para
não dar parte de fraco, respondeu:

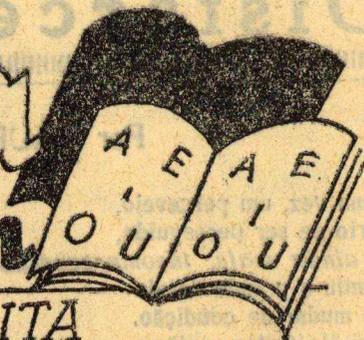
— «É que... tenho a memória um
pouco cansada...»

— «Ah sim!... Compreendo!...
Não admira! Estudais tanto!... Mas

(Continua na página 7)



A Cartilha do Pim-Pam-Pum



POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

AS ÁRVORES

No reino vegetal a Árvore é Rainha. Com seu manto verde e coroada de flores, ela é magestosa e rica.

Rainha, como a Santa Isabel que, um dia, andando a socorrer a pobreza, transformou o pão em rosas, a Árvore é, também, generosa e magnânima. Amiga leal, dá-nos sombra e descanso, após as longas caminhadas ou labutas; dá-nos frutos saborosos; dá-nos flores com que enfeitamos os nossos lares; dá-nos a lenha com que aquecemos o corpo no inverno ou cozinhamos as nossas refeições; dá-nos madeira com que assoalhamos as nossas casas, com que fabricamos o nosso mobiliário, com que se fazem os lápis e as canetas, a régua e o esquadro e mil outras coisas de utilidade prática.

OS PASSARINHOS

Os passarinhos vivem em liberdade. Prendê-los é contrariar a vontade de Deus, que lhes deu o Céu para nele voarem.

Roubar um ninho é um grande pecado. O ninho é o lar dos passarinhos; destruí-lo é quasi o mesmo, portanto, que assaltar uma casa para roubar o dono.

OS PASSARINHOS PIPILAM,
OS PASSARINHOS SÃO ÚTEIS PORQUE MATAM
OS BICHOS NOCIVOS À AGRICULTURA.
OS PASSARINHOS ALEGRA-NOS A VIDA COM
O SEU CANTAR.
OS PASSARINHOS ENCHEM DE
POESIA O CAMPO.

QUESTIONÁRIO

Quantos segundos tem um minuto?
» minutos tem uma hora?
Quantas horas tem um dia?
Quantos dias tem uma semana?
Quantas semanas tem um mês?
Quantos meses tem um ano?
» anos tem um século?
» séculos tem Portugal?

Qual a cor do céu?
» » » da relva?
» » » do linho?
» » » do ébano?
» » » de uma libra?
» » » de uma moeda de dez escudos?
» » » da túnica do Senhor de Passos?
» » » dos troncos?
» » » da raça latina?
» » » da raça africana?
» » » da raça asiática?
» » » dos peles vermelhas?

Quem foi o primeiro rei de Portugal?
» » » autor do poema «Os Lusíadas»?
» » » da «Cartilha Maternal»?
» » » herói de Aljubarrota?
» » » fundador do teatro português?
» fundou as misericórdias?
» são os autores da música e da letra do Hino Nacional?
Em que data Portugal reconquistou a sua independência?
As árvores dão flores?
Todas?

O PAPAGAIO

O papagaio é uma ave exótica de origem africana ou brasileira. É a única ave que conseguiu imitar a fala das pessoas, articulando as sílabas.

O papagaio palra mas não conhece o significado das palavras; fala sem pensar, como os patetinhas.

Assim como os macacos imitam os nossos gestos, o papagaio imita a nossa voz.

Nunca devemos ser palradores com os papagaios nem parecer macacos de imitação. Mais vale inventar que imitar. Devemos seguir os bons exemplos mas à nossa maneira. Copiar qualquer coisa, é fazê-la parecida mas não igual.

Exemplo duma árvore que não dê flores?...
E a flôr o que dá?
» que dá o fruto?
» » » a semente?
» » » a raiz?
» » » o tronco?
» » » a copa ao sol?
» » » a sombra?

De que é feito o pão?
» » » o vinho?
» » » o azeite?
Donde provém o sal?
» » » a pimenta?
» » » o algodão?
» » » a lã?
» » » a sêda?
» » » o café?
» » » o leite?
» » » o chá?
» » » o mel?

PAULO e SALOMÃO (CONTO HIEROGLÍFICO)

 de armirho  o nome de  lindo
 se chamava  zinho,
 seu companheiro, que comia no mesmo
. Porque eram muito amigui-
 nhos nunca bulhavam.

 lo e Salo  portavam-se mal
 à . Mas  dia disseram-lhes:
 «Penham os   no  e no »
 Envergonhados, desde  dia passaram
 a ter com  mento exemp 

O COELHO MÁGICO

(Continuado da página 5)

eu vou recordar-vos o que há a fazer, antes de se comer coelho mágico. Disse-o a Fada dos Bosques:

Quem Dom Coelho comer
 — se quiser tudo poder —
 primeiro se barbeará;
 os seus dentes cortará;
 suas unhas limará;
 e um bom banho tomará...

O rei Lóbo acreditou piamente nas

palavras de Dona Macaca. E disse-lhe, então:

— «Obrigado por me teres espevitado a memória. Vou imediatamente cumprir o ritual. Mas como receio deixar só o Coelho — pois o maroto pode fugir — peço-te que desças dessa árvore e tomes conta dêle.»

Dona Macaca aceitou a proposta e o rei Lóbo correu a fazer o que lhe ensinara.

Era o que a espertalhona queria.

Desceu da árvore, pegou em Dom Coelho e, com êle bem agarrado, depressa desapareceu daqueles sítios.

Dom Coelho ficou-lhe gratíssimo e a família dêle encheu-a de presentes, pois ficaram para sempre livres do rei Lóbo, impossibilitado de se servir de unhas e dentes.

E nunca mais o valdoso Coelho ousou sair da sua terra que, embora pequena, era pacífica e onde se sentia seguro e acarinhado por toda a bicharada.

PERIPECIAS DE TOBIAS-FILÓSOFO

por ISABEL AREOSA

TOBIAS Filósofo, aquele grande sábio das distrações, detestava o inverno. Todo o inverno não fazia nem pensava coisa de jeito.

Uma noite — uma noite nublada com rajadas frias, destas que trespassam os ossos — Tobias passeava dum lado para o outro do quarto, sem conseguir aquecer os pés.

Por fim, deu uma palmada na testa.

Meu prezado amigo:

Escrevo-lhe apenas duas linhas, porque tenho os pés tão frios que nem posso pegar na pena...

Mas não ficaram por aqui as distrações de Tobias-Filósofo.

Uma manhã levantou-se cedo e foi para o jardim tratar das suas flores.

Tôda aquela semana fizera frio, mas um frio sem chuva nem humidade e

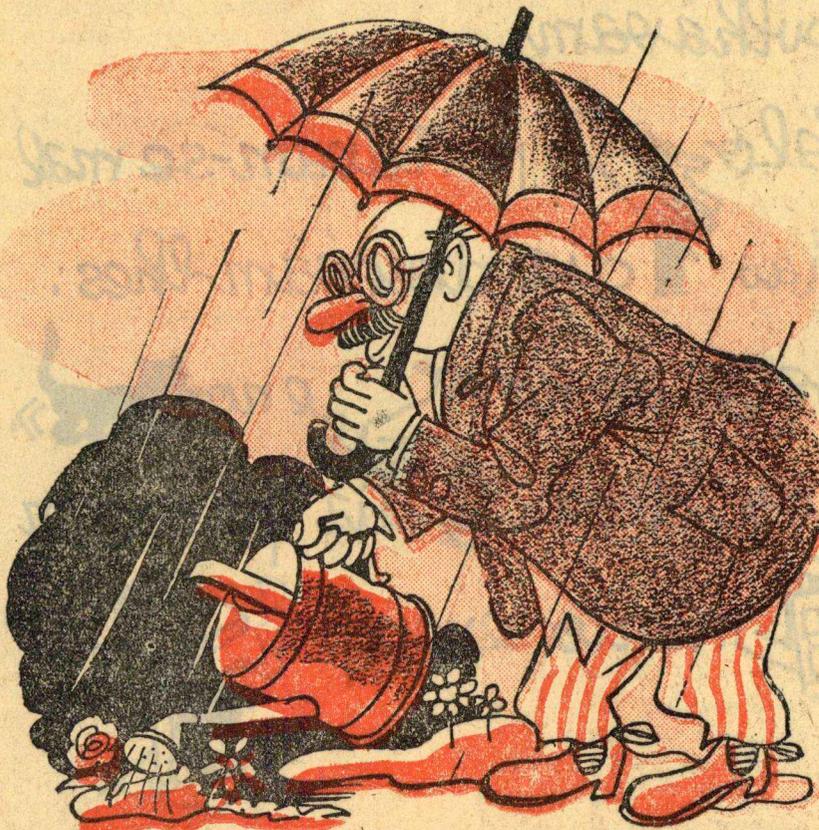


que detestava o frio, andava desnor-teado de todo.

Sobretudo quando chovia não conseguia trabalhar, nem passear, nem estar quieto. Por isso, já há bastantes dias que faltava às aulas de filosofia. Como não podia trabalhar, porque chovia, foi um dia à aula e avisou assim os seus alunos:

— «Amanhã, se chover pela manhã, darei aulas de filosofia de tarde. Mas se amanhã à tarde chover, dou antes a aula de filosofia, amanhã pela manhã...»

Os alunos ficaram boqui-abertos e concordaram todos em que quem estava necessitado de frequentar aulas de filosofia, era o próprio filósofo Tobias.



Foi a uma gaveta, tirou um *cache-nez*, enfiou um velho gibão, e calçou meias de lã, polainas e pantufas.

Mas, a-pesar-de todos estes abafos, continuava a tiritar e a sentir os pés frios como dois «icebergs.»

— «Já não sei que mais hei-de pôr em cima dos pés! — murmurava, desanimado, o velho sábio. — E esta noite que eu precisava tanto de escrever uma carta!»

E Tobias suspirou profundamente. Tomou fôlego, arrastou-se até à secretária, sentou-se e por três vezes pegou na pena para começar, mas não lhe vinha a inspiração.

Por fim, resolutamente pegou na caneta e começou assim a carta:

os cameiros estavam um pouco secos.

Tobias foi buscar o regador e começou a regá-los, cuidadosamente.

Porém, mal começou esta tarefa, começou a chover copiosamente.

Tobias já estava encharcado, mas vítima da sua permanente distração, foi buscar um guarda chuva, abriu-o, e, com o guarda-chuva numa mão e o regador noutra, continuou a regar os canteiros, murmurando com os seus botões:

— «Ainda que a chuva me encharque até à medula dos ossos, hei-de acabar de regar os meus canteiros, porque não quero que as minhas flores sequem por falta de água...»

O inverno ia cada vez pior e Tobias,

A DIVINHA



Este senhor, que por sinal é um fumador incorrigível, perdeu o cachimbo

Vejam os nossos leitores se o encontram, porque não deve estar longe.